

DAS AUTORAS BEST-SELLERS  
**ELLE KENNEDY E SARINA BOWEN**



**O FELIZES  
PARA SEMPRE  
DE RYAN  
E JAMES**

Eles continuam no mesmo time?

ELLE KENNEDY E SARINA BOWEN

*Mais*  
O FELIZES  
PARA SEMPRE  
DE RYAN  
E JAMES

Tradução  
LÍGIA AZEVEDO

BRUNN

# Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

Sobre as autoras

Créditos

# 1

WES

Vancouver é uma cidade linda, mas mal posso esperar para ir embora.

Acabamos de chegar ao fim da viagem mais longa do nosso calendário e estou louco para ir para casa. No quarto de hotel chique com vista para o lago, tiro o papel de seda da camisa que acabei de comprar na loja da esquina. Faz tanto tempo que estou vivendo das roupas da mala que não tenho mais nenhuma limpa. Mas é uma ótima camisa. Trocamos olhares enquanto eu passava diante da vitrine na volta de uma sessão de autógrafos num almoço beneficente.

Eu a desabotoo e visto. Verifico o caimento no espelho do hotel e vejo que ficou bom. Ótimo, até. É de algodão fino, com um leve xadrez verde-limão. Bem britânica, e a cor vibrante me lembra de que não vai ser inverno para sempre.

Agora que sou obrigado a usar terno e gravata três ou quatro vezes por semana, preciso ser mais cuidadoso com meu guarda-roupa. Na época da faculdade, usava terno umas três vezes por ano. Mas isso não é problema, porque adoro roupas. E, a julgar pelo espelho do hotel, elas também gostam de mim.

Sou sexy pra caralho. Só queria que a única pessoa com quem me importo estivesse aqui para apreciar.

Ontem à noite, detonamos Vancouver, e não estou me gabando quando digo que foi graças a mim. Dois gols e uma assistência — minha melhor atuação até agora. Estou tendo o tipo de temporada de estreia que ganha as manchetes. Ainda assim, neste segundo, eu trocaria tudo isso por uma noite na frente da TV Com Jamie e um boquete. Estou cansado. Acabado. Detonado.

Por sorte, tudo o que resta dessa viagem é o voo de volta no jatinho do time.

Pego o celular da escrivaninha e desbloqueio a tela. Com a câmera de selfie, tiro fotos do meu abdome, com a camisa aberta para revelar o tanquinho e a mão sobre a virilha. Demorei um tempo para perceber que Jamie curte minhas mãos. Juro que gosta delas até mais do que do meu pau.

Mando a foto. Nem preciso escrever nada.

Dou uma última olhada para o quarto do hotel, mas já guardei tudo. Aprendi rapidinho a não deixar o carregador do celular ou a escova de dente para trás. Viajamos tanto que fazer as malas se tornou minha nova especialidade.

Meu telefone vibra com a chegada de uma mensagem. Porra. Vem logo pra casa. Meu pobre pau solitário nem precisa de foto. Já está duro.

Tenho a impressão de que ele está só esperando que eu pergunte. Então escrevo: Quão duro?

O bastante para pregar um quadro nas nossas paredes vazias, ele responde. É verdade que não chegamos exatamente a decorar nosso apartamento. Trabalhamos demais e não tivemos tempo ainda.

Sexo está sempre acima da decoração do lar na nossa lista de prioridades. Escrevo pra ele: Me mostra. Tem um bom motivo para eu manter a tela do meu celular sempre bloqueada. Jamie e eu gostamos de trocar fotos íntimas.

Ele não responde. Talvez não esteja em casa. É de tarde em Vancouver, e Toronto está algumas horas à frente... Merda. Estou cansado de ter que ficar fazendo essa conta o tempo inteiro. Só quero ir para casa.

Pego a mala e desço. Alguns caras já estão esperando no saguão, tão a fim de ir para casa quanto eu. Vou até eles.

“Nossa, é melhor minha mulher estar em casa e sem roupa quando eu chegar”, Matt Eriksson diz quando me aproximo. “E as crianças estarem dormindo. Com tampões de ouvido.”

Oito dias é bastante tempo, concordo por dentro. Mas não digo nada, porque, mesmo que meus companheiros de time sejam legais, não converso sobre esse tipo de coisa com eles. Não é meu estilo mentir, e não finjo que uma garota está me esperando em casa. Tampouco estou pronto para dizer quem está. Então fico na minha.

As feições nórdicas de Eriksson se viram para mim, e um sorriso bobo surge em seu rosto. “Caralho, meu olho! Acho que fiquei cego.”

“Por quê?”, pergunto, sem muita vontade. Eriksson está sempre fazendo piada.

“Essa camisa! Meu Deus!”

“Sério”, o veterano Will Forsberg diz, rindo enquanto cobre os olhos com a mão. “É brilhante demais.”

“É gay demais”, Eriksson corrige.

O comentário não me abala nem um pouco. “Isso é uma camisa Tom Ford, e é foda”, murmuro. “Aposto vinte pratas que vai aparecer no blog de uma fã antes do fim da semana.”

“Exibido”, Forsberg acusa. Na verdade, ele aproveita a atenção da mídia mais do que qualquer outro cara do time. Quando comecei a aparecer no [gatosdohoquei.com](http://gatosdohoquei.com), ele não gostou nem um pouco da concorrência.

Mal sabe ele que, no que depender de mim, pode ficar com todas as fãs.

“Só estou dizendo”, Eriksson insiste, “que você poderia se dar bem nos bares da Church Street com essa camisa.”

“Ah, é?”, pergunto. “E você sabe disso por experiência própria?”

Isso o faz calar a boca. Mas Blake Riley está olhando pro meu peito agora. Ele parece um filhote de cachorro gigante, com cabelo castanho sempre bagunçado e nenhum tipo de filtro.

“É quase hipnótico. Como se dissesse: ‘Te desafio a desviar os olhos’.”

“O que diz é: ‘Trezentos dólares, por favor’”, corrijo. “Sai caro ficar bonito assim.”

Blake desdenha, enquanto Forsberg diz que eu deveria pedir meu dinheiro de volta. Então o assunto muda para outro tipo de encheção de saco e a possibilidade de que a gente morra com as



bolas congeladas no frio de Vancouver antes que o ônibus de fato apareça.

Finalmente, ele chega e embarcamos. Sento sozinho. Estamos na metade do caminho para o aeroporto quando o celular vibra. Configurei o aparelho para que nenhuma das minhas mensagens (especialmente as com fotos) apareça na tela bloqueada. É uma precaução importantíssima, e, depois que libero a tela com minha digital, vejo que o que Jamie acabou de me mandar prova isso. A imagem que preenche a tela é um perigo no ambiente de trabalho. Também é, ao mesmo tempo, safada e hilária. O pau bem duro de Jamie está em destaque. Ele aponta para a parede, com a cabeça rosada apoiada num prego em que parece estar batendo. Jamie deve ter usado algum aplicativo para desenhar uma carinha feliz na glândula. O efeito é surpreendentemente transformador. O pau dele parece... uma criatura alienígena bastante enérgica fazendo pequenos reparos na casa.

Dou uma gargalhada. Eles acharam que minha camisa era gay. Se vissem isso...

“Wesley?”

Blake levanta do assento atrás de mim para dizer alguma coisa. Aperto o celular com tanta força para mudar de tela que meu dedo até estala. “Oi?” Me pergunto o que foi que ele viu.

“Lembra que perguntei se você gostava do seu prédio?”

“Claro.”

“Fizeram minha mudança ontem. Sou seu novo vizinho. Décimo quinto andar.”

Sério?

“Legal, cara”, minto. Quando ele me perguntou a respeito, eu deveria ter falado só das partes ruins. Fica longe demais do metrô. O vento frio que vem do lago é foda. Nada contra Blake, mas não quero ter um conhecido como vizinho. Eu me esforço bastante para ficar fora do radar.

“A vista é demais, né? Só fui durante o dia, mas com as luzes à noite deve ficar espetacular.”

“É incrível”, admito. Como se eu ligasse. Tudo o que quero ver neste momento é o rosto do meu namorado. E tenho um voo de quatro horas pela frente até encontrá-lo em casa.

“Você pode me apresentar os melhores bares da região”, Blake sugere. “Te pago uma bebida.”

“Ótimo”, digo.

Porra, penso.

Levo dezoito anos para voltar a Toronto.

Até aterrissarmos e pegarmos as malas, já são sete da noite. Estou louco para passar um tempo com Jamie, mas vai ser limitado. Ele sai às seis da manhã para um jogo no Quebec com seu time de juniores.

Só temos onze horas, e ainda não estou com ele.

Cada farol vermelho no caminho para casa me deixa furioso. Mas, finalmente, estaciono na garagem do prédio (uma facilidade sobre a qual tinha me gabado para Blake, merda). Puxo a enorme mala de rodinhas até o elevador, que, por sorte, vai até o nosso apartamento no décimo andar sem parar uma única vez. No caminho, procuro a chave no bolso para já deixá-la à mão.

Finalmente, estou a vinte passos de distância, talvez dez. Então abro a porta. “Oi, lindo!”, chamo, como sempre faço. “Cheguei.” Entro com a mala e a deixo ao lado da porta, jogando o paletó em cima dela, porque tudo de que preciso é um beijo.

Só então noto o aroma incrível que se espalha pelo apartamento. Jamie fez o jantar para mim. De novo. É o homem perfeito, juro por Deus.

“Oi!”, ele diz, chegando pelo corredor que leva ao nosso quarto. Está só de jeans — e de barba, o que é inusitado. “Conheço você?” Ele abre um sorriso sedutor para mim.

“Ia perguntar a mesma coisa.” Fico encarando a barba loira dele. Jamie sempre teve o rosto lisinho. Quer dizer, nos conhecemos desde antes de termos pelos no rosto. Ele parece diferente. Mais velho, talvez.

E gostoso pra caralho. Sério, mal posso esperar para sentir sua barba contra meu rosto, e talvez meu saco. NOSSA. O sangue já está correndo para baixo, e só faz uns quinze segundos que cheguei em casa.

Mas fico parado por um momento no meio da sala, porque, muito embora faça oito meses que estamos juntos, ainda fico um pouco tonto com a minha sorte. “Oi”, repito, feito um idiota.

Ele vem até mim, e seu jeito de andar é tão familiar que meu coração se derrete um pouquinho. Então põe as mãos nos meus ombros e massageia bem ali. “Não fica mais fora por tanto tempo. Se fizer isso de novo, vou ter que entrar de fininho no seu quarto de hotel.”

“Promete?”, digo, e minha voz sai áspera. Jamie está próximo o bastante para que eu possa sentir o cheiro de seu xampu e a cerveja que bebeu enquanto me esperava.

“Se um dia tiver uma folga, com certeza”, ele diz. “Sexo no hotel depois de um jogo? Parece bem gostoso.”

Agora estou medindo a distância para o sofá e contando as camadas de roupas que vou ter que tirar nos próximos noventa segundos.

Mas Jamie tira as mãos dos meus ombros. “Já comi, mas seu prato está no forno. Acabei de deixar lá, na verdade. Enchilada de frango. Leva uns quinze minutos pra esquentar.”

“Valeu.” Meu estômago ronca, e ele sorri. Acho que não é só de uma coisa que tenho fome.

“Quer uma cerveja?”

Sempre. “Vou pegar. Senta aí. Vai colocando o próximo episódio. Podemos ver enquanto esperamos.” Pareço excessivamente educado aos meus próprios ouvidos, mas voltar de uma viagem longa sempre é meio esquisito. Tem uma readaptação breve, mas sempre estranha, pela qual eu nunca esperara.

Não participo das conversas domésticas dos meus companheiros de time casados. Mas, se fosse do tipo que compartilha as coisas, ficaria tentado a perguntar se vai ser sempre assim. Caras que estão com alguém há mais de dez anos também sentem isso? Ou é a novidade do nosso relacionamento que torna as coisas meio estranhas por uma ou duas horas depois do meu retorno?

Gostaria de saber.

Minha primeira parada é na cozinha aberta, onde pego duas cervejas, que abro e deixo na mesinha de centro. Já faz quase seis meses que moramos aqui, mas ainda não temos muitos móveis. Estivemos ocupados demais para arrumar o lugar. Mas temos tudo de que realmente precisamos: um sofá de couro gigante, uma mesinha de centro foda, um tapete e uma TV De tela grande.

Ah, e uma poltrona bamba que achei na rua e trouxe para casa apesar das objeções de Jamie. Ele a chama de poltrona da morte e evita chegar perto dela, insistindo que tem energia negativa.

Você pode tirar um garoto da Califórnia, mas não pode tirar a Califórnia do garoto.

Começo a ir para o quarto me trocar, mas paro e faço uma pergunta. “Ei, o que acha desta camisa? Comprei hoje, porque não tinha nenhuma limpa pra usar.”

Jamie aponta o controle remoto para a TV. “É bem verde”, ele diz, sem virar para olhar.

“Eu gostei.”

“Então eu também.” Ele vira e a barba me pega desprevenido de novo. Seu sorriso me manda correndo para o quarto.

A cama está perfeitamente arrumada. Jogo a calça, a camisa bem verde e a gravata sobre o edredom, querendo voltar logo para Jamie. Visto uma calça de moletom e volto para a sala. Ele está apoiado no braço do sofá, com as pernas esticadas sobre as almofadas. Nem me dou ao trabalho de fingir que tenho autocontrole. Deito à frente dele, com a cabeça contra seu ombro, as costas tocando seu peito.

“Droga”, digo quando me dou conta. “Deixei as cervejas fora de alcance.”

Ele enlaça meu abdome. “Pega lá”, diz.

Me estico pra pegar as garrafas enquanto ele me segura para que eu não caia. A mesinha está na posição perfeita para que estiquemos os pés quando sentados, mas temos que fazer essa pequena manobra em caso de emergências relativas a cerveja quando estamos abraçadinhos. O que às vezes acontece.

Passo a garrafa dele por cima da minha cabeça e o escuto tomar um gole. Os créditos de abertura de *Banshee* — nossa série do momento — passam na tela. “Você não me traiu enquanto eu estava viajando, né?”, pergunto.

“De jeito nenhum. Mas o último episódio não terminou com um gancho para o próximo nem nada. Então eu nem passei muita vontade.”

Tomo um gole de cerveja e retorno à solidez de seu peito quente. Em geral, me envolvo bastante com a trama estranha e as cenas de luta malucas dessa série. Mas, esta noite, é só uma desculpa para ficar coladinho no sofá com meu homem enquanto a comida esquenta. A barba dele faz cócega na minha orelha. É diferente. Viro a cabeça para esfregá-la no meu rosto também. Nem vejo a tela, mas não me importo.

Jamie afunda o queixo e esfrega a barba na minha bochecha, então desliza os lábios pelo meu pescoço, arrepiando os pelos por onde passa. “O que achou?”, ele pergunta, baixo.

Viro para ele com cuidado, para não derrubar a cerveja. “Você tá lindo demais. Tipo J-Tim depois que saiu do *NSYNC* E ficou

gato. Mas quero sentir roçando no meu saco antes de dar meu parecer final.”

Jamie joga a cabeça para trás e ri, e é assim, de repente, que o gelo da viagem se quebra. Voltamos a ser só nós dois, sua risada fácil e o conforto que sinto quando ele está por perto.

Isso... Baixo a cabeça e dou uma lambida no pescoço dele, bem abaixo do limite da barba. Então chupo sua pele delicadamente. Jamie para de rir e relaxa seu corpo contra o meu. Estamos pele com pele acima da cintura, e a sensação de seu coração batendo contra o meu me deixa com vontade de chorar em gratidão. Passo o nariz pelo princípio de barba, percorrendo um caminho sinuoso até sua boca. Os pelos são mais macios do que eu esperava.

“Me beija logo, porra”, ele sussurra.

Obedeço. A barba acaricia meu rosto enquanto encaixo minha boca na dele, mergulhando, como se fizesse oito meses que não nos víamos, não oito dias. Jamie solta um gemido feliz do fundo do peito. Eu o beijo demoradamente, me acostumando aos poucos com seu gosto e com o calor de sua respiração no meu rosto.

Ele suspira e eu desacelero, esfregando devagar meus lábios contra os dele.

Não vamos perder o controle agora, mas não porque não nos sentimos confortáveis. É mais porque estamos ambos segurando uma garrafa de cerveja e meu jantar está no forno. Temos a noite toda.

É nisso que estou pensando, feliz, até que ouço um som pouco familiar — alguém batendo à porta. É tão raro que a princípio

assumo que é um ruído de fundo do programa. Mas então batem de novo. “Wesley! Abre logo, seu cretino! Eu trouxe cerveja!”

Jamie afasta a cabeça, com as sobrancelhas franzidas. “Quem é?”, ele faz com a boca, sem produzir som.

“Porra”, sussurro. “Só um segundo!”, grito. Então cochicho à orelha de Jamie. “Um colega de time. Blake Riley. Mudou para o décimo quinto andar.”

Jamie bate de leve em mim e entendo o que quer dizer. Tenho que ajeitar a calça para tornar o princípio de ereção menos óbvio. Vou para a porta da frente e abro uma fresta. “Então você me encontrou.”

Blake abre um sorriso grande e bobo, então passa por mim para entrar no apartamento. “Claro! Tem caixas espalhadas pela minha sala inteira. Um desastre total. Minhas irmãs encontraram os lençóis e arrumaram a cama, mas fora isso está um inferno lá em cima. Então comi um hambúrguer, comprei cerveja e pensei em vir aqui.”

Por um momento, penso em expulsar o cara. De verdade. Mas não tenho como fazer isso sem ser grosseiro. Quer dizer, estou de calça de moletom, com uma cerveja na mão e a TV Alta atrás de mim. Sou exatamente o tipo de cara que tem tempo para beber uma cerveja com seu colega de time. E Blake já me chamou para beber algumas vezes, mas eu sempre dava uma desculpa quando não estávamos na estrada.

“Entra aí”, digo, odiando minhas próprias palavras. Ele já entrou, pra começar. O babaca. Sessenta segundos atrás, a língua de Jamie estava na minha boca.



Cacete.

Blake não nota meu desconforto. Coloca as cervejas na mesinha de centro e senta no sofá onde Jamie estava há um minuto. Sua garrafa aberta está na bancada que divide a cozinha e a sala, mas ele sumiu.

“Pronto pra outra?”, Blake pergunta, pegando uma.

“Estou bem”, digo, tomando um gole da que tenho na mão.

Jamie chega do corredor, usando uma camiseta que estraga a visão que eu tinha de seu peito musculoso e dourado. “E aí?”, ele cumprimenta. “Sou Jamie.”

“Ah, você é o colega de quarto!” Blake levanta na hora e segura a mão de Jamie com sua pata gigantesca. “Legal te conhecer. Você é treinador, né? De defesa? Trabalha com adolescentes?”

“Hum, é.” Jamie levanta os olhos interrogativos para encontrar os meus.

Estou tão confuso quanto ele. Devo ter mencionado que dividia o apartamento a umas duas pessoas a temporada inteira, e pelo visto Blake é uma delas. Nunca falo de Jamie para os meus colegas, porque não quero ficar controlando minhas palavras, sem saber quais detalhes passam dos limites.

E sempre evito mentir descaradamente sobre ele. Não é meu estilo.

Blake é um cara grande com um sorriso fácil. Para falar a verdade, sempre assumi que era um pouco lento. Talvez estivesse enganado. “Quer uma cerveja?”, ele pergunta. “Ei! Adoro Banshee! Que episódio é esse?” Ele volta depressa para o sofá e senta.

Não sei bem o que fazer, então sento no canto oposto a ele.

Jamie vai para a cozinha, e eu fico olhando para a tela, tentando entender o que está acontecendo no episódio. Hood tenta escapar de um prédio depois de ter roubado alguma coisa. Seu amigo asiático e trans tenta ajudá-lo a sair dali passando informações através de um receptor no ouvido dele.

Não tenho ideia do que se passa. Na tela ou na minha sala.

Jamie volta alguns minutos depois com uma bandeja de enchiladas cobertas com queijo derretido. O prato estava quente do forno, e sou famoso por me queimar na cozinha. Fico com água na boca quando vejo uma porção generosa de sour cream e abacate picadinho para acompanhar. Ele até pensou no guardanapo e nos talheres.

Uau.

Ter um namorado que te faz comida e ainda leva até você deve ser a melhor coisa do mundo, só que os olhos de Jamie estão perguntando se ele pode me entregar a bandeja ou se seria esquisito demais. Íntimo demais.

Levanto e pego a bandeja dele porque, caralho, é a minha casa e posso fazer o que quiser aqui. “Valeu. Parece ótimo.”

Jamie me dá a piscadela mais rápida do mundo, então eu sento no sofá para comer o jantar que ele me trouxe. Não é tudo o que quero do meu namorado, mas vai ter que bastar por enquanto.

## 2

JAMIE

Não estou puto. Não, nem um pouco puto. Quer dizer, o que mais Wes poderia ter feito? Bater a porta na cara do companheiro de time? Apontar para o pau duro e dizer “Foi mal, cara, estou prestes a trepar com meu namorado”? O namorado que ele não via fazia oito dias, aquele que tinha ficado esperando ansiosamente por ele no apartamento vazio, garantindo que o jantar estivesse na mesa quando chegasse em casa e...

Tá. Talvez eu esteja um pouquinho puto.

Minha mãe sempre diz que tenho a paciência de um santo, mas agora não me sinto nem um pouco assim. Meu estado natural de tranquilidade e calma infinita foi substituído por uma irritação profundamente enraizada. Ressentimento, até.

Senti falta de Wes. Tenho saudades sempre que está na estrada, e tudo o que queria fazer esta noite era me reaproximar do homem que amo, de preferência na forma de um sexo selvagem e suado.

O homem que eu amo. A frase ecoa na minha mente com algo próximo a surpresa. Não surtei quando me dei conta de que era bissexual, no último verão, e não estou surtando agora. Não

é a palavra “homem” que me fascina na frase, e sim “amo”. O modo como me sinto por Ryan Wesley... é algo que eu pensava que só existia nos filmes. Ele é minha cara-metade. Completamos um ao outro de mais maneiras do que posso explicar. Quando estamos no mesmo ambiente, só me concentro nele; se vai embora, sinto sua falta.

Minha mãe uma vez pintou uma citação antiga em um prato de cerâmica: O amor é a amizade que pegou fogo. Entendo agora.

O que não significa que não esteja puto com ele.

Fico observando enquanto ele enfia as enchiladas na boca. Seus lindos olhos cinza estão fixos na tela da TV, mas sei que não está prestando atenção na série. A tensão em seus ombros largos seria imperceptível a qualquer outra pessoa, mas posso vê-la tão clara quanto o dia, o que faz parte da minha irritação se dissolver.

Ele odeia isso tanto quanto você, minha consciência sussurra.

Cala a boca, consciência. Estou sentindo pena de mim mesmo aqui.

Blake, por outro lado, está se divertindo muito. Ele comemora quando uma sequência de ação particularmente foda tem início, tomando sua cerveja como se não tivesse nenhuma outra preocupação no mundo. É claro que não tem. Está em seu terceiro ano no time, mandando ver no gelo, de acordo com a pesquisa rápida que fiz sobre ele quando corri para pegar uma camiseta no quarto. E o mais importante: ele é hétero. Não tem que esconder com quem está dormindo ou apresentar a pessoa

que namora e com quem mora como “colega de quarto”. Sortudo da porra.

Sinto um gosto amargo na boca quando me lembro de que, aos olhos do mundo, Ryan Wesley também é hétero. Meu namorado apareceu em dezenas de listas de “Solteirões mais cobiçados do hóquei”. A cada jogo, pelo menos cinco mulheres seguram cartazes com frases espertinhas para ele, como “Wes é dez”, ou mais diretas, como “ME ENGRAVIDA, CAMISA 57!!”.

Ambos rimos de toda a atenção feminina que ele desperta, mas, mesmo sabendo que não há nenhum perigo de meu namorado resolutamente gay chegar perto de uma garota, tantos olhares vorazes dirigidos a ele ainda irritam.

“Opa”, Blake grita. “Esses peitos são do caralho.”

O comentário lascivo me traz de volta ao presente. O inoportuno presente. Uma das personagens femininas acabou de tirar a roupa na tela — como não amar essa série? E não vou mentir: os seios dela são incríveis mesmo.

E já que supostamente sou o colega de quarto inofensivo e cem por cento hétero de Wes (e já fui mais mal-educado do que deveria com o cara), decido contribuir com a conversa. “São demais”, concordo. “Essa atriz é gostosa pra caralho.”

Wes franze a testa de leve para mim, fazendo minha irritação retornar. Sério mesmo? Ele está deixando o companheiro de equipe acabar com a nossa noite e fica puto porque acho uma atriz atraente?

Blake toma o que eu disse como um sinal de que somos melhores amigos e vira para mim com seus olhos verdes

brilhando. “Você curte uma loira então? Eu também, cara. Está saindo com alguém?”

De canto de olho, vejo os ombros de Wes ficarem tensos de novo. Os meus estão iguais, mas talvez seja só porque a poltrona em que estou sentado é ridiculamente desconfortável. Cinco minutos nesta coisa e parece que te colocaram em um daqueles aparelhos de tortura medieval. Além disso, tenho noventa e nove por cento de certeza de que alguém morreu nesta poltrona. Wes a encontrou na calçada e não quis mais se livrar dela, embora eu tivesse pedido que o fizesse.

Semana que vem vou botar esse trambolho inútil na rua.

A poltrona, digo. Não Wes.

“Não”, respondo vagamente à pergunta de Blake, fazendo Wes retorcer os lábios tentadores.

“Curtindo a vida, né? Eu também.” Blake passa a mão pelo cabelo castanho. Ele é bem bonito. E enorme. Deve ter pelo menos um metro e noventa e é forte pra caralho. “E quem tem tempo para um relacionamento com a nossa vida, né, Wesley? É como se passássemos o tempo inteiro entrando e saindo de um avião.”

Wes solta um grunhido incompreensível.

“Não tenho ideia de como Eriksson e os outros caras fazem”, Blake continua. “Fico exausto durante a temporada, e sou solteiro.” Ele simula um arrepio. “Imagina só ter mulher e filhos. É assustador. Será que é assim que surgem os zumbis? Tipo, não por causa de um vírus maluco, mas porque a pessoa se sente tão exausta que de repente parece uma boa ideia comer o cérebro dos outros?”

Não consigo evitar um sorrisinho. Tenho a sensação de que Blake Riley poderia sustentar uma conversa inteira sozinho. O que é praticamente o que está fazendo agora, já que nem Wes nem eu estamos dizendo nada.

Quando o episódio termina, Blake pega o controle remoto da mesinha de centro e dá o play no seguinte sem nem perguntar se tudo bem. E também abre outra cerveja.

A bola de ressentimento na minha garganta está do tamanho de um disco de hóquei agora. Já passa das nove. Preciso ir para a cama às dez, ou vou estar morrendo quando levantar amanhã. Se não durmo pelo menos sete horas, meu cérebro fica todo zoadado, como se eu fosse Edward Norton em Clube da luta. Bom, eu meio que queria ter uma vida como a dele agora. Então teria uma boa desculpa para arrancar Blake Riley do meu sofá e botá-lo para fora daqui.

Mas não posso. Prometi a Wes que manteria as aparências pelo menos até o fim de sua primeira temporada. Sair do armário agora só iria prejudicar sua carreira, e eu preferiria entrar em uma banheira cheia de cacos de vidro a destruir os sonhos de Wes.

Então me sento na poltrona da morte e finjo estar interessado na série. Faço o mesmo em relação a Blake. Até dou risada de algumas das piadas dele. Mas, quando já são dez e quinze, não posso mais me dar ao luxo de manter as aparências.

“Vou pra cama”, digo, levantando. “Tenho que estar na arena às cinco e meia amanhã.”

Blake parece genuinamente decepcionado de me ver ir embora. “Tem certeza de que não pode tomar mais uma?”

“Fica pra outra vez. Boa noite pra vocês. Foi legal te conhecer, Blake.”

“Você também, Jay.”

É, Blake Riley dá apelidos para caras que acabou de conhecer. Por que isso não me surpreende?

Olho de esguelha para Wes quando passo pelo sofá. Sua mandíbula está mais apertada que a mão em volta da cerveja. Com a outra mão, ele brinca com o piercing na sobrancelha, girando-o. Conheço o cara desde os treze anos. Posso lê-lo como um livro, e é óbvio que não está feliz agora.

Nem eu, mas, se não quisermos chutar Blake daqui, não há nada que possamos fazer além de fingir que somos dois homens que dividem um apartamento e às vezes veem TV Juntos.

Mesmo cansado como estou, me dou conta de que tenho um problema depois de dar alguns poucos passos. Não posso dormir na nossa cama. Embora tenha acabado de conhecer Blake, não sei se já veio aqui ou não. Será que não visitou o apartamento quando estava pensando em mudar para o prédio? Será que Wes mostrou a vista do quarto maior?

A versão oficial, que quase nunca usamos, é de que fico no quarto de hóspedes. Então dou a volta no corredor escuro e vou para lá. Coloquei escova e pasta de dente no banheiro há um tempo, para parecer que alguém usava aquela suíte.

Me achei tão esperto por pensar nesse detalhe. E agora aqui estou eu, fingindo que meu quarto não é meu.

Fecho a porta do quarto de hóspedes para bloquear o som da TV. Desde que eu e Wes nos mudamos, esse quarto só foi usado uma vez — quando meus pais vieram da Califórnia para passar



uma semana conosco. Hoje sou eu quem está largando minhas roupas no chão e puxando a colcha que me é pouco familiar para entrar na cama de casal fria. E não gosto nada disso.

Viro de lado e penso em tudo o que tem de errado na cena. As cortinas são finas, e não blecaute azul-marinho. O colchão é mais macio do que aquele com que estou acostumado e o travesseiro sob minha cabeça parece cheio de calombos.

Meu namorado está na sala, e não transando comigo, como deveria ser.

Fecho os olhos e tento dormir.

Sonho com uma jacuzzi, e os jatos de água quente são uma delícia. Só que... meu pau é a única parte do meu corpo que cabe nela. Mas tudo bem, porque estou duro e a água está incrível. Mágica até.

Espera aí...

Esquece.

Tem uma boca úmida em volta do meu pau duro. E talvez eu ainda esteja sonhando, porque o entorno não faz o menor sentido quando abro os olhos. Tem luz demais e a cabeceira solta um rangido leve, com o qual não estou acostumado, à medida que uma cabeça com cabelos escuros se movimenta e uma boca sexy se diverte com meu pau.

Cara, como é bom.

“Está acordado, lindo?”, Wes pergunta, com a voz áspera.

“Mais ou menos. Não para.”

Sua risada massageia a cabeça do meu pau. “Ótimo. Estava começando a me sentir meio tarado.”

Uma mão forte segura meu pau. Deixo outro gemido rouco escapar. “Que horas são?” Minha mente ainda não está muito clara. Meu plano era ir para o nosso quarto depois que Blake fosse embora, mas devo ter desmaiado no momento em que minha cabeça tocou o travesseiro duro.

“Onze e meia.” A voz dele é suave. “Não vou te deixar acordado por muito tempo, prometo. Eu só... Hum...” O gemido que ele solta parece ter sido arrancado do fundo da alma. “Senti saudade pra caralho.”

O ressentimento que eu estava usando como um escudo a noite inteira se transforma em poeira. Também senti saudade dele, e eu teria que ser um tremendo babaca para usar a interrupção indesejada de Blake contra Wes. Não é culpa dele se seu companheiro de equipe apareceu. E não é culpa dele que tenha que viajar tanto. Nós dois sabíamos que, enquanto Wes jogasse hóquei profissional, teríamos que lidar com as longas ausências.

Enfio os dedos em seus cabelos escuros e o puxo para mim. “Vem cá”, digo, apressado.

Seu corpo quente e musculoso desliza para cima do meu. Puxo sua cabeça para um beijo. Amo seus lábios. São firmes e vorazes. Mágicos. Os beijos se aprofundam, ficando cada vez mais desesperados conforme nossos corpos se movimentam sobre o colchão, fazendo a cama ranger descontroladamente.

Wes afasta a boca com uma risada. “Cara, foi muita sorte seus pais não transarem quando vieram nos visitar. Essa cama faz muito barulho.”

“Eu teria ficado traumatizado pelo resto da vida”, concordo. Então começo a beijá-lo de novo, porque, porra, é tarde, tenho que acordar em seis horas e preciso demais disso.

Wes lê minha mente e enfia a língua por entre meus lábios. Chupo com vontade, então gemo em decepção. “Estou com saudade do seu piercing”, digo, sem fôlego. Ele o tirou antes que a temporada começasse. O pessoal do time não achou seguro.

“Não se preocupa”, Wes brinca. “Posso te deixar maluco sem ele.” No instante seguinte, sua língua talentosa está descendo por meu peito nu e retornando ao meu pau latejante.

Ele me engole, e meus quadris se erguem da cama. Minha nossa. Trocamos centenas de chupadas desde que estamos juntos, mas ainda fico admirado com como é bom. Wes sabe exatamente o que fazer para me deixar louco. A confiança dele me enche de tesão, e ele não precisa de nenhuma dica quando se trata de como me satisfazer.

É claro que isso não me impede de murmurar algumas ordens. Mas isso é porque nós dois gostamos de falar sacanagem. “Isso aí. Lambe a cabeça. É, bem assim.” Mantenho uma mão enfiada em seus cabelos enquanto a outra agarra o lençol. Faz tanto tempo que não sinto sua boca em mim que a pressão no saco é quase insuportável.

Wes circula a cabeça devagar com a língua molhada, então a desliza pela extensão do meu pau, repetidas vezes, até que ele esteja brilhando e minha paciência tenha acabado.

“Preciso gozar”, digo entredentes.

Ele solta um riso suave. “Não se preocupa. Vou te ajudar.”

E, puta merda, ele ajuda mesmo. As lambidas provocativas se transformam em chupadas fortes e molhadas que fazem com que meu pau trema de prazer. Ele segura meu saco enquanto me enfia até o fundo da garganta, chupando forte e rápido, até que eu esteja pronto para explodir. E realmente explodo.

Wes geme quando gozo na sua boca, mas não para de chupar até que eu esteja flácido e incapaz de pensar em qualquer coisa. Enquanto os tremores continuam a percorrer meu corpo satisfeito, registro vagamente que ele está ao meu lado. Beijando meu pescoço. Acariciando minha barriga. Passando a bochecha na minha barba.

“Amo demais essa barba”, ele sussurra.

“Amo demais VOCÊ”, sussurro de volta. De alguma forma, encontro a energia para jogar o braço em seus ombros largos, puxando-o para mais perto. Seu pau duro é como um ferro quente contra minha coxa. Quando viro a cabeça para beijá-lo, Wes geme na minha boca e o esfrega contra mim. Passo os nós dos dedos por seu pau duro, e ele silva.

“O que você quer?”, pergunto entre os beijos. “Não tem lubrificantes nesse quarto.”

Wes geme e joga os quadris contra mim. “Não precisa. Quero sua boca em mim.”

Subo um pouco mais no travesseiro. “Vem aqui então. Mostra pra barba quem é que manda.”

Com um rosnado, ele pega o outro travesseiro e coloca atrás da minha cabeça. Então passa um joelho pelo meu peito e sobe pelo meu corpo.

Minha palma aterrissa em sua barriga, e abro bem os dedos. É tão gostosa a sensação de seu corpo quente e sólido sob meus dedos. Estou cansado de passar a noite sozinho. Gosto do peso de outro corpo na cama. Quando Wes não está, sinto falta de rolar e encostar a bunda em seu corpo quente dormindo.

Mas ele não está dormindo agora, e abre bem suas pernas grossas. Pego sua bunda e o puxo para mais perto. Seu pau está rígido e pingando para mim. E cada vez mais perto. Para provocá-lo, fecho a boca e deixo que solte um ruído impaciente. Então agarro seu pau e esfrego a cabeça nos lábios, deixando que a barba pinique as laterais.

Acima de mim, Wes tem um arrepio de tesão. Entra luz o bastante pelas cortinas para que as tatuagens ao longo de seus braços pareçam sombras quando ele se move. Seu cheiro de homem começa a me deixar meio maluco. Ponho a língua para fora e o provo. Wes arfa em antecipação.

Mas a tortura ainda não acabou. Vou para a frente com o pescoço e aperto o rosto contra sua virilha, provocando todo o púbis. Wes está quase esfolando seu pau na fricção com meu pescoço agora, com tanto tesão que foderia qualquer superfície do meu corpo. Acho o Wes desesperado muito divertido. Adoro forçá-lo a abandonar um pouco do controle de ferro. Um jornalista o chamou de “Impenetrável. Inabalável. Com nervos de aço”.

Até parece.

Pegando seu pau sedento na mão, movo o pescoço devagar, esfregando toda a superfície dele na minha barba.

“Porra”, ele grunhe. “Você está me matando. Chupa logo.”

Dou um beijo na pontinha e Wes geme. Então, de uma vez só, acabo com seu sofrimento. Abro bem a boca e o tomo por inteiro. Ele dá um grito que não tem nada de masculino. Sorrio, com a boca em seu pau. Então solto um pouco e chupo de novo, com toda a força. Não tenho dó. Não sigo um ritmo, só minha vontade. Chupando, lambendo, engolindo. Ele investe a esmo, desfrutando. Poucos minutos depois, respira fundo e diz: “Vou gozar pra caralho”.

E o cara não está mentindo. Sinto seu pau pulsando na minha boca mais vezes do que consigo contar, engolindo uma semana de tensão sexual. Então solto a cabeça sobre os travesseiros, sentindo a exaustão tomar conta. Acima de mim, Wes solta a cabeça também, e eu observo seu peito subir conforme ele puxa o ar. Levanto as mãos e abro bem os dedos em seu tórax. “Você parece mais magro”, digo, passando o dedão na pele lisa do peito dele.

“Perdi quase sete quilos desde que a temporada começou.”

“Sete? Sei que alguns jogadores perdem um pouco de peso, mas sete?”

“É. Acontece.”

Eu o puxo para baixo, e Wes rola de cima de mim para que a gente possa se abraçar. “É demais”, murmuro no ouvido dele. “Mais enchiladas pra você.”

“É só fazer que eu como.” Ele enterra o rosto no meu pescoço. “Jamie?”

“Hum?”

“Acho que tem porra na sua barba.”

“Que nojo.”

Ele ri.

“Isso vai ser um problema?”

“Não sei. Nunca tive barba. Você foi o primeiro a gozar nela.”

A voz dele sai abafada. “Podemos ir pra nossa cama agora?”

“Ahã”, concordo, mas fecho os olhos. Só por um segundo.

Pegamos no sono no quarto de hóspedes, enrolados um no outro.

### 3

JAMIE

Oito horas depois, a vida já não é mais tão boa.

Estou num ônibus com doze adolescentes. Mas tudo bem, porque gosto dos garotos. Eles trabalham duro e jogam bem. Estava preparado para ver alguns jovens muito bons, mas aparentemente os canadenses cultivam campeões em seus jardins. Ainda que o time não esteja tendo uma performance incrível, tenho fé de que vamos dar a volta por cima. Os garotos têm ótimos instintos e uma postura invejável.

Só a minha própria postura que é um pouco menos impressionante no momento.

Como Wes e eu pegamos no sono no outro quarto, meu alarme não estava por perto quando soou. O único motivo por ter me atrasado só quarenta minutos foi porque a cama era pequena demais para nós dois. Acordei quando Wes acertou meu supercílio com o cotovelo tatuado. O relógio no criado-mudo ao lado marcava dez para as seis.

Sentei na hora, com o coração palpitando. Tomei o banho mais curto do mundo e então fiquei pulando de um lado para o outro como um idiota, enfiando a meia no pé molhado e pegando minhas coisas. Pelo menos eu já tinha feito a mala para



o torneio em Montreal, já pensando em poder passar mais tempo com Wes. Ela já estava pronta, me esperando.

Wes saiu cambaleando do quarto de hóspedes. “Você já tem que ir?”, ele perguntou, piscando.

“Estou atrasado”, resmunguei, mandando uma mensagem para o treinador que viajaria comigo. Atrasei. Me espera. Desculpa.

“Vou sentir saudades”, ele disse.

Eu nem precisava dizer que também ia sentir. Dei um beijo rápido e insatisfatório nele e corri para a porta. De alguma forma, consegui tropeçar na mala enorme de Wes quando fui pegar meu casaco no gancho. “Pode desfazer a mala, por favor?”

Foi com essas palavras amorosas que me despedi, suando, me odiando por ser o cara que ia fazer todo mundo esperar. E por resmungar com meu namorado para que tirasse as coisas da frente.

Só que ele nunca tira. A mala costuma ficar no mesmo lugar até que precise dela para a próxima viagem.

Agora estou tomando o restinho do café horrível que comprei no posto de gasolina em que o ônibus parou para abastecer enquanto ouço meu colega de trabalho tagarelar. David Danton é só alguns anos mais velho que eu. Teoricamente, temos o mesmo cargo: técnico assistente. Mas, como o treinador principal comanda vários times, Danton assume o papel dele algumas vezes, principalmente quando viajamos.

Coisas importantes a saber sobre Danton: ele tem uma tacada incrível. E uma personalidade horrível.

“Sabe esse primeiro time que vamos enfrentar?”, Danton diz, passando o tabaco que está mascando de um lado da boca para o outro. “Os mesmos bichinhas que vocês venceram em Londres no ano passado. As estatísticas deles não melhoraram em nada. Mantenham as linhas firmes e marquem no primeiro tempo. Eles já vão estar chorando no intervalo. São um bando de veadinhos, sério.”

O café ruim se transforma em fluido de bateria no meu estômago. Para começo de conversa, aquele não é um bom conselho. O outro time tem uma defesa ótima e algumas dificuldades no ataque. Nossos garotos merecem mais detalhes. Precisam de uma estratégia diante do desafio.

E nem vou começar a falar sobre o linguajar de Danton. Ele é o tipo de cara que usa o termo “gay” para descrever tudo de que não gosta — de um carro feio a um sanduíche de peru decepcionante —, e “veadinho” para descrever qualquer jogador de hóquei que não atenda seus padrões.

Já pedi ao cretino que parasse de usar esses termos. Foi depois de um jogo em casa. Tínhamos ganhado fácil e eu estava orgulhoso dos meninos. Quando Danton gritou “Vocês acabaram com esses veadinhos!” ao fim do jogo, aproveitei a oportunidade para mencionar que ele poderia se encrencar dizendo aquele tipo de coisa.

“Nunca se sabe quem está ouvindo”, apontei. Eu estava tentando insinuar que alguém poderia repreendê-lo por usar termos depreciativos. Mas minha maior preocupação eram nossos jogadores. Não queria que alguém que era uma figura da autoridade para eles validasse aquele tipo de ódio. E se um

daqueles garotos estivesse em dúvida quanto à própria sexualidade definitivamente não precisava ouvir aquele tipo de merda. Ter dezesseis anos já é confuso o bastante.

Mas Danton nem me escutou. E, sempre que falava coisas daquele tipo, eu imaginava Wes com dezesseis anos, morrendo de medo da própria sexualidade. Ele me contou como ficou mal quando descobriu que era gay. Já superou agora, claro. Mas nem todos têm sua força. Se um garoto de um desses times está passando por dificuldades, não quero que ouça nenhuma bobagem de Danton.

Trabalhar com o cara me deixa com raiva, mas não porque ligue para o que ele pensa de mim. Danton perdeu meu respeito na primeira vez que o ouvi destilando suas baboseiras vis. Também é racista (uma maravilha, nosso Danton). Gostaria que ele fosse repreendido. Falei com nosso chefe, Bill, sobre como sua escolha de palavras costumava ser maldosa e excludente.

“Veja se consegue fazer com que ele maneire no tom” foi tudo o que ele disse, me dando um tapinha no ombro. “Seria péssimo se ele tivesse uma advertência em sua ficha. Esse tipo de coisa é permanente.”

Não tenho problema nenhum com uma marca permanente na ficha de Danton, mas ainda não fiz uma reclamação formal contra ele porque sou paranoico. Sair do armário poderia ser divertido, porque eu adoraria ver a cara do cretino. Mas não posso fazer isso com Wes. Ele está tentando uma ótima temporada de estreia, mas precisa que a imprensa foque em seus gols e assistências, não na sua vida sexual. Acho que está bem perto de concorrer ao troféu de melhor novato. De verdade.

Estamos presos no trânsito de Montreal, a caminho da arena, e meu estômago se contorce. Nosso primeiro jogo está marcado para a uma, e já passou do meio-dia.

---

Fim da amostra deste eBook.

Você gostou?

[Compre agora](#)

ou

[Veja mais detalhes deste eBook na Loja Kindle](#)

---

00000>